

Os problemas do HC

O Hospital das Clínicas está deixando de atender mais da metade dos pacientes que procuram por seus serviços. O dinheiro é curto – nos últimos 15 anos as verbas do Estado encolheram em R\$ 170 milhões –, mas poderia render mais se fosse bem administrado. Muitas das dificuldades enfrentadas pelo HC são decorrentes da administração exercida por quem entende muito de saúde e pouco da relação custo-produtividade-qualidade. Esse gerenciamento improvisado tende a nutrir a burocracia em detrimento da modernização, do bom aproveitamento dos recursos humanos, da otimização dos equipamentos e da definição da política de atendimento de acordo com a realidade do País.

O gigantismo desse centro de referência em saúde e a administração falha têm prejudicado o HC: médicos e enfermeiros trabalham estressados, os equipamentos estão obsoletos e, nas filas de pacientes, há desde casos raros até gripes que poderiam estar sendo curadas em qualquer posto médico. A diretoria do hospital pretende limitar o atendimento de doentes à estrita capacidade do hospital. É o ideal para que os pacientes, muitos com doenças contagiosas, deixem de ser atendidos em macas coladas uma ao lado de outra nos corredores do pronto-socorro. Mas, antes de simplesmente dizer “não” a quem busca os médicos, é preciso reformular por completo o HC – da administração à estrutura de atendimento.

Os especialistas não podem cuidar de papéis na direção do hospital enquanto centenas de jovens residentes e estagiários – responsáveis por grande parte do atendimento – dependem de seus ensinamentos. Usar os médicos especialistas como gerentes só contribui para a decadência do atendimento, já muito incentivada pelos baixos salários de R\$ 1,5 mil pagos

Diretoria quer limitar o atendimento aos doentes à estrita capacidade do hospital

aos médicos, que acabam dividindo a jornada em hospitais particulares, trabalhando no limite da capacidade física e mental. O sucesso e o reconhecimento desses profissionais no HC devem se dar por meio do avanço das pesquisas desenvolvidas e dos tratamentos que fazem evoluir as condições de saúde que atingem toda a sociedade brasileira. A carreira de um profissional competente não pode ser prejudicada pela necessidade de exercer cargos de diretoria para garantir bons salários.

Executivos especializados em administração hospitalar poderão substituí-los, permitindo que os médicos se dediquem integralmente às suas atividades específicas. Poderão, ainda, adequar a rotina do HC aos controles administrativos básicos: até hoje o hospital não tem controle dos próprios custos. “Gastamos R\$ 360 milhões por ano, mas não sabemos quanto custa lavar uma peça de roupa”, admite o diretor do Instituto Central.

Um gerenciamento profissional será fundamental para fazer das Clínicas uma instituição viável, mas não será a salvação. Reerguer o HC é trabalho para toda a rede pública de saúde. Secretários de saúde de todo o País, diretores de hospitais, médicos dos postos de saúde precisam entender que o HC não pode ser o destino único de pacientes que não encontrem vagas ou necessitem de um procedimento mais complexo. Muitos dos leitos do HC são ocupados por doentes que poderiam estar sendo adequadamente tratados em várias unidades de saúde do País. Eles acabam tirando o lugar de quem realmente precisa do HC e custam caro ao hospital. É preciso consciência de que o alto conceito conquistado pelo HC em sua história não pode se desfazer por conta do comodismo do restante da rede de saúde.